



INDIA — TEMPLO DE FAÍ-FÓ.

O imperio de Annam abrange actualmente os diversos paizes que occupam a parte oriental da India transgangeica, e outr'ora constituíam outros tantos estados independentes. Este vasto imperio está comprehendido entre o 9° e o 23° de latitude septentrional, e na longitude de 118° e 30' a 127° e 30'.

Já em varios volumes d'este semanario temos dado larga noticia dos differentes estados da Asia; não faremos, pois, uma repetição, do que está dito, tanto mais porque o espaço de que podemos dispor é limitadissimo; sem mais preambulos passaremos pois a fazer uma succinta descripção de um dos mais singulares monumentos religiosos que se encontram em toda a India: é o grande templo, ou pagode subterraneo, situado nos arredores da cidade de Fai-Fó, cuja fachada a nossa gravura representa. Antes de chegar ao pagode é mister atravessar uma garganta pittoresca; ao fundo ha pequenos jardins, do meio dos quaes se erguem varios edificios ornados de pinturas e esculpturas. Depara-se em seguida uma galeria estreita, de setenta metros de comprimento, ladeada de cellas deshabitadas, á qual se segue uma vereda tortuosa, outra galeria subterranea, e a final uma escada de trinta e sete degraus. É então que se ostenta aos olhos do viajante a fachada do templo, que tem uma só porta, em ogiva, com dous gigantes ao lado, sobre os quaes se observam dous animaes phantasticos, semelhantes ás harpias dos monumentos gregos.

Subindo depois alguns degraus entra-se no templo propriamente dito, que é como uma grande gruta de dezeseis metros de comprido sobre treze de largura, e quinze de altura. Ao lado da porta pela qual se entra no recinto consagrado estão acoradas duas estatuas colossaes, tendo aos pés animaes monstruosos: ao fundo, em um altar, vê-se, assentada uma

estatueta de Bouddha, da altura de um metro. Está rodeada de outras, representando os seus discipulos, e uma divindade secundaria do sexo feminino. As paredes estão litteralmente cobertas de pequenos nichos contendo idolos, ridiculamente pintados de vermelho.

BRAZÃO D'ELVAS.

(TRADIÇÃO PORTUGUEZA.)

III

APPELLO DE HONRA.

Nem a voz, nem as vistas, nem os ademanos, nem a mais leve contracção do rosto, indicavam os tormentos, que devoravam o coração d'esse homem ao entrar na sala. Depois d'uma revelação como a que tinha saído dos labios de sua mulher, e que escutára do jardim aonde o conduzira esse instincto funesto, primeiro motor das almas desconfiadas, notava-se no semblante certa impassibilidade, que não deixava transluzir a menor alteração.

Para um homem da sua tempera, do seu character, do seu poder, muito devia custar esconder a procella que no interior lhe bramava, e evitar rompimento que publicasse a sua deshonra.

Acabavam de o ferir no mais sensível d'alma, e do amor proprio. Esposo amante, militar d'aquellas eras orgulhosas, ouvira da boca de sua mesma esposa, que amava outro! Por isso o esposo e o militar, procuravam vingar-se cruelmente. D. Duarte, que fôra o amante de D. Mecia, o proprio rei morreria.

— Parece, sr. barão d'Alvito, disse D. Alvaro ao sentar-se, que vos apraz em extremo a leitura d'es-

JANEIRO 12, 1856.

se livro, que me enviou sua real senhoria, e que elle mesmo compoz.

O fidalgo interpellado, homem de cincoenta a sessenta annos, que, sentado a poucos passos, corria pela vista a *Arte de domar os cavallos*, cerrou o livro, e voltou-se para o governador.

— Mais me desgosta, que me praz o que leio, respondeu. Sua real senhoria, o nosso rei, monta bem, é bom cavalleiro, porventura o primeiro d'estes reinos; mas não sou do seu parecer em muitas cousas.

— Se vos ouvira, barão!

— Já me ouviu. Não ha muito tempo que, fallando do modo de adextrar cavallos, disputamos.

— Disputastes! disseram muitas vozes.

— Disputar! e porque não? Não serei eu fidalgo de *a par do rei*?

E dizendo isto o rico-homem se impertigava com toda a ridicula gravidade da fidalguia, nossa e estranha, d'aquelles bons tempos, e talvez que ainda de hoje.

— Sua real senhoria sustentava que um cavalleiro regular, adoptando a dextreza que elle dizia, podia correr n'um cavallo em pello mais de tres leguas seguidas, e n'uma assignalada direcção. Para convencer-me dava razões, que eu julguei detestaveis. Encolerisou-se, montou a cavallo em pello, e provou correndo. Estavamos n'uma caçada em Leiria...

— E que succedeu? perguntaram alguns.

— Nada... caíu.

— Caíu! exclamaram todos em côro, como se um rei não pudera cair d'um cavallo!

— E que tal? disse eu a sua real senhoria; e elle me respondeu como depois da derrota de Tanger: *O homem proprie, e Deus dispõe*.

— Entretanto, disse D. Alvaro, depois d'uma breve pausa, não julgo a cousa nenhuma africa impossivel. Fidalgos haverá aqui comnosco, que se atrevam a isso, e a mais.

— Eu! gritou Ruy Falcão. Atrever-me-hei a correr n'um cavallo em pello por tres horas seguidas, n'uma dada direcção. D'aqui a Badajoz, por exemplo, ou de Badajoz aqui.

— Fazei-o, se podeis, disse o barão.

— Amanhã mesmo.

— Sim, fazei-o, insistiu D. Alvaro; ide amanhã a Badajoz, onde fazem a procissão de *Corpus*; vede-a, e em prova trazei-nos o estandarte de Castella.

— Tanto não, exclamou Ruy Falcão, que antes de transpor o Caia me teriam feito postas esses perros hespanhoes.

— Cobardia! tornou D. Alvaro. Aposto que entre tanto fidalgo que aqui ha, nenhum será capaz de arrastar com essa empreza, em honra do pavilhão portuguez!

Ninguem respondeu.

— Eis os cavalleiros de hoje, continuou o governador, levantando-se, ousados nos salões, mudos nos lances de honra!

E saltando em seguida ao meio da casa, como se a quizesse dominar toda com sua estatura agigantada, continuou:

— D. Alvaro da Silva, mestre de campo, governador d'Elvas, gentil-homem da camara de sua real senhoria, declarará onde quizer, e até mesmo diante d'el-rei se for possivel, que quantos cavalleiros estão presentes são cobardes, se entre elles não ha algum capaz de nos trazer amanhã o estandarte de Castella!

E arrojou uma luva ao meio do circulo que descrevera.

Foi então que o cavalleiro João Paes Gago, que d'algum tempo o escutava em brazas, não podendo resistir mais a este *appello de honra*, como em taes tempos diziam, se adiantou tranquillo, e levantou a luva. Então ouviram todos a sua voz solemne:

— João Paes Gago, cavalleiro de Christo, fidalgo *d'a par do rei*, jura pela salvação de seus ascendentes, e pela honra da terra portugueza, arrebatat amanhã o estandarte de Castella, e estendel-o como tapete aos pés de D. Mecia.

— Oh! exclamou ella, tremendo toda, e temendo ao escutal-o.

Mas a este tempo já João Paes tinha desaparecido, deixando a companhia enthusiasmada com a sua resposta ao repto.

IV

O ESTANDARTE DE CASTELLA.

Era manhã. Os sinos da cathedral de Badajoz, e dos conventos de Santo Agostinho, e S. Domingos aturdiavam os ares. Velhos e creanças, toda a parte agil da cidade e convisinhanças corria á rua do Pazo a presenciar um acto como a procissão de *Corpus-Christi*. Via-se por janellas e varandas multidão de damas vestidas de gala, ricamente adereçadas, prendendo a attenção geral não só com a belleza, mas tambem com os estofos e pedrarias que vestiam. Antigos e magestosos cavalleiros cobertos como de terciopelle, appareciam no transitio. Formosos fidalgos tinham n'aquelle dia trocado o commum trage guerreiro por outro mais festivo e de mais gala. Via-se esse luxo, que em todas as classes da sociedade se ostentava em dias tão assignalados; mas o que mais chamava a attenção do populacho eram os vistosos trages das mesnadas, que os ricos-homens do districto mandavam á funcção, com o pendão e escudos de suas casas ou castellos.

João Paes Gago presencava tudo isto d'uma das esquinas da rua, montado n'um cavallo em pello, sem brida nem arreios, o que em qualquer outra occasião attrahiria todas as attensões. Não succedia porém assim n'este dia, que as musicas, as côres vivazes que matizavam aquelle grande concurso, e os canticos religiosos eram mais absorvente distracção. Mesmo certo ar de allucinação que velava o rosto do cavalleiro portuguez, era mais proprio a excitar a compaixão do que a curiosidade, e por isso os que acertavam encaral-o, perdoavam-lhe facilmente a maneira extravagante e insolita, como se apresentava n'um acto tão solemne; e desviavam logo os olhos de quem suppunham ter a intelligencia desvairada.

Em frente de João Paes tres ou quatro cavalleiros portuguezes não apartavam olhos d'elle, com uma curiosidade recrescente, á medida que a procissão se aproximava. Entretanto João Paes com a vista fixa sobre o estandarte de Castella, desde que pudera descobril-o nas mãos do alferes da cidade, já não pouco entrado em annos, parecia occupar-se pouco da vigilancia de seus compatriotas.

Nos olhos do cavalleiro quem o visse attentamente, notaria tal expressão de anciedade e energia, como se o preoccupasse um pensamento arriscado e decisivo: como se uma sobreexcitação fatal o arrastasse a uma tentativa violenta, em que a honra ou a vida se jogassem. A cada passo que dava o alferes, se tomava João Paes d'um vivo estremecimento.

Palpitava-lhe violentamente o coração. Contrahiam-se-lhe as mãos sobre as crinas prolongadas do cavallo que montava, animal arrogante e brioso, potro de poucos annos, cuja notavel estampa, mais que a sin-

gular posição do cavalleiro, custava suspiros a muitos fidalgos extremenhos.

Ao passar ante elle o estandarte de Castella, as pupillas de João Paes pareceram dilatar-se como por uma sensação dolorosa mas rapida. As mãos tremulas apertou-as com mais força. A fronte pendeu-lhe sobre o peito, como obrigada pelo pezo d'uma idéa temeraria, terrivel, incomportavel.

E aquella inclinação de cabeça, que os hespanhoes capitulariam de respeito, despertava sorriso de desprezo nos labios dos cavalleiros portuguezes, que fixavam tanto a vista em João Paes.

Este sorriso tão significativo, porém, ainda descoberto por elle, quando tornava a indireitar-se, communicou-lhe ao rosto energia, que degenerava em raiva, ou ferocidade.

—Oh! gritou com desesperação, dando um pulo do cavallo a baixo, rompendo a ala do povo, e lançando-se sobre o alferes da cidade. Deus e Portugal sejam comigo!

E dizendo assim lhe arrebatou com força o estandarte castelhano, e sem dar tempo a reflexão saltara d'um pulo sobre o cavallo amigo.

Recuar como pasmada, por um acto tão extraordinario, regicida e sacrilego, foi o primeiro movimento da multidão. Seguiram-se-lhe alaridos, gritos de vingança e perseguição mortal contra o que tão publicamente ultrajava a honra nacional, ou *real*, como se dizia então.

Mas o cavalleiro desaparecera já, em direcção á porta de Palmas!

No meio da confusão, que este singular accidente produzira, voltou a procissão em desordem á cathedral, e dominavam o tumulto estas vozes d'alarme, que alguns repetiam machinalmente, como succede em rebates repentinos:

—A cavallo... a cavallo, hespanhoes, e morram os portuguezes!

Nem todos respondiam ao appello com a mesma promptidão. Alguns fidalgos, que se demoraram a montar a cavallo com a sua gente, retardaram alguma cousa a partida do grupo, que ia em perseguição do cavalleiro. Saíram enfim da cidade os que puderam reunir-se, e precipitaram-se como torrente pela ponte.

Foi já nas immediações do Caia, que lá ao longe, avistaram o cavalleiro fugitivo; corria como uma exhalção, sobre o potro valente e arrogante; e á mais leve ondulação da bandeira que roubára, d'aquella bandeira encarnada e amarella, a que renderam vidas tantos reis da mourisma, a que se abateram a espada de Francisco I, e as muralhas de Roma, os bons fidalgos da Extremadura hespanhola enfurecidos esportavam os cavallos. Quem desconhecesse a causa que levava a isso, diria que os dominava uma vertigem horrorosa.

Deixaram á direita Maruri, atravessaram o Caia, entraram no territorio portuguez, e aquelle furacão de homens e cavallos, que nos nossos tempos pudera tomar-se por alguma corrida de *gentlemen*, voava mas sem dar alcance ao cavalleiro João Paes, que se via apparecer e desaparecer por entre as sinuosidades do caminho.

Era com effeito um cavallo soberbo o que João Paes Gago montava! Era o *Mazzepa* das lendas de Byron, o *The Tager* das baladas allemãs do conde de Anasperg.

Perto dos olivacs que demoram a meia legua d'Elvas, os fidalgos extremenhos creram ter chegado ao ponto de alcançar o cavalleiro, que com o potro se

tinha chocado com um tronco d'oliveira, e ambos rolado pela areia.

Grito de furiosa alegria saíu instantaneamente dos peitos d'aquella multidão, ao ver que o inimigo jazia estendido a cem passos! De repente, e como se cavallo e cavalleiro fossem uma só pessoa, levantaram-se, e escaparam de novo com mais brio, com mais velocidade que nunca.

D'esta vez gritaram ainda os hespanhoes, mas já com assombro, com raiva e desalento; e ao chegarem ao sitio em que caíra o portuguez, principio d'um caminho estreito e encaixado entre vallados de silvedo, mais de seis cavallos caíram vencidos pelo cansaço, faltos de força, arrebatados enfim, lançando os cavalleiros para dentro dos cerrados.

Devorava-os a febre, que crescia com estes azares, que tão depressa lhes pareciam aproximar um triumpho, como suscitar uma derrota.

Chegara o raptor finalmente ao pé dos muros d'Elvas, sem que ainda o tivessem alcançado. Dirigiu-se á porta, então chamada de S. Domingos, contando penetrar na praça antes que fosse colhido pelos que o perseguiam, ou a elle ou ao cavallo faltassem outra vez forças. Mas a porta estava fechada!

—Abri... abri... gritou João Paes desalentado.

Não houve echo em Elvas para as palavras do heroico mancebo! A praça parecia deserta! Nenhuma voz respondeu a esta voz!

—Abri... abri... gritou outra vez, ao ver que os hespanhoes já o ameaçavam de mui perto.

Respondeu-lhe o mesmo silencio!

Então, vendo-se irremissivelmente perdido, retrocedeu alguns passos, e exclamou:

—Sois um villão ruim, D. Alvaro da Silva! Mas já que me vedaes a entrada, entrará por mim o estandarte de Castella!

E dizendo e fazendo o arrojou com toda a força para dentro da praça, por cima das muralhas.

Depois levou por tres vezes aos labios um magnifico anel de brilhantes; beijou-o com delirio; apeiou-se do potro, que caíu logo moribundo; ajoelhou, e esperou as lanças hespanholas com a resignação d'um martyr.

Assim como o réu de morte a recebe com os olhos fixos no crucifixo, que aperta com mãos convulsas; assim o illustre cavalleiro João Paes Gago devorava o anel com os olhos inflammados.

V

ARMAS D'ELVAS, E ARMAS DE D. ALVARO.

Este successo poz em commoção a população d'Elvas; e esteve a ponto de occasionar rompimento entre as duas nações, a que só a restituição da bandeira aos hespanhoes pôde obstar.

Portuguezes ha, que querem dar tamanha importancia a esta tradição, que dizem que em memoria d'aquelle successo é que o rei déra por armas a Elvas um fidalgo a cavallo, empunhando bandeira tremulante.

Em verdade são essas as suas armas, mas quem lh'as deu foi D. Sancho II, quando Elvas as quiz ter á semelhança das principaes terras do reino.

—Quereis armas para o vosso escudo? disse o rei aos deputados que Elvas lhe enviou. Pois ide d'aqui a uma hora ao pateo do palacio.

Quando os deputados se apresentaram ali, viram apparecer el-rei a cavallo, e com a bandeira dos seus estados na mão.

—Eis aqui vossas armas, lhes disse; sou o vosso melhor braço.

Tres dias depois da morte do cavalleiro João Paes Gago, D. Alvaro da Silva mandou descolar um escudo das suas armas de metal dourado, que tinha sobre a porta principal; e depois de limpá-lo cuidadosamente, como o mais officioso de seus creados, o repoz em seu lugar.

—Que fazeis? lho perguntava melancolicamente D. Mecia, quando o via occupado n'aquelles alheios misteres. Porque fazeis o que só pertence á creadagem?

—*Sublata causa tollitur effectum*, murmurou D. Alvaro, dando costas a sua mulher.

E ella o comprehendeu, e traduziu, para si:

Morto João Paes Gago, morrerá tambem o amor que vós lhe tinheis.

E, sem embargo das lagrimas que derramou pelo pobre fidalgo, assim foi!

Vejam de que escapou Ruy Falcão!

Nota final.

Nos apontamentos d'um curioso já nós lèmos sobre a tradição que aqui se commemora, as seguintes linhas:

«Este cavalleiro assim armado dos pés á cabeça, tendo na mão estandarte branco com cruz vermelha, foi dado por armas á cidade de Elvas, então ainda villa, por D. Sancho II. Diz o conego Ayres de Varella que pedindo o povo áquelle rei lhe desse armas, com que illustrasse a sua villa, elle lhe respondêra: — *Por armas aqui me tendes a mim.* — N'este caso aquelle cavalleiro representaria a *vera effigie* de Sancho Capello. O vulgo, porém, que rejeita sempre as origens vulgares, e é extremamente amigo do maravilhoso, creou na sua imaginação poetica uma lenda romanesca, que diz assim:

«Era uma vez um cavalleiro esforçado, cujo nome se perdeu, o qual apostou com varios amigos, que no dia da procissão do Corpo de Deus, ou outra festividade que já não lembra, iria n'um bom cavallo a Badajoz, e ali arrebataria, no meio da procissão, das mãos de quem quer que o levasse, o estandarte hespanhol, e correndo sempre no seu vigoroso cavallo, o traria a Elvas. Não se sabe se o audaz cavalleiro tinha jurado pela honra da sua dama, se obrava por amor da gloria, ou do premio da aposta, se premio havia; o que é certo é que no dia aprazado o desconhecido cavalleiro montou no seu possante ginete, fez um aceno com a mão para um balcão, por entre as gelosias do qual se viu brilhar o que quer que era, como lenço branco, e a mão alva e bem torneada d'uma dama, e partiu á rédea solta, na direcção de Badajoz. Uma hora decorreu, depois duas, e o cavalleiro não apparecia.

«Começou já a desesperar-se da empreza, e alguns curiosos, espalhados pela antiga muralha, communicavam-se mutuamente suas apprehensões, lamentando já a sorte do infeliz cavalleiro, quando no horizonte começou a distinguir-se uma pequena nuvem de poeira, por entre a qual se viam luzir os raios do sol dardejando sobre a armadura polida d'um guerreiro.

«Alguns dos curiosos affirmavam ver fluctuar sobre o elmo, além das plumas, alguma cousa como uma bandeira.

«As aclamações d'alegria retumbaram por toda a villa, soaram trompas e *atabales* em signal de victoria, e as gelosias do balcão, para onde o cavalleiro

olhára, agitaram-se. Pouco a pouco nuvem e cavalleiro foram tornando-se mais distinctos, correndo na direcção do Caia, até se occultarem por detraz d'uma eminencia proximo da qual corre esta ribeira. Então os olhos se estenderam pela campanha na direcção de Badajoz. Todos os rostos se demudaram; um grito d'espanto saíu de todos peitos até ali commovidos pela alegria, agora comprimidos pela anciedade. No lugar onde primeiro se distinguira o cavalleiro, divisava-se agora uma espessa e immensa nuvem de poeira, que parecia occultar um grande troço de cavallaria, cujas armas scintillavam. Não havia que duvidar. Seguiam o cavalleiro. Tocou-se a rebate na praça, os bésteiros correram ás ameias, a municipalidade mandou levantar as pontes, e fechar as portas. No entanto o cavalleiro corria sempre direito á villa, agitando no ar o pendão ou estandarte castelhano, e instigando o seu ginete, que por vezes fraquejára na carreira. O troço de cavalleiros hespanhoes ganhava visivelmente sobre elle. O guerreiro portuguez emfim chegou perto da muralha, quando ainda os hespanhoes vinham em distancia. Um grito d'alegria o saudou das ameias, porém o cavalleiro respondeu-lhe com um grito de desespero, acompanhado d'um gesto de raiva, e continuou correndo em roda das muralhas. Espalhou-se então a noticia de que as portas estavam fechadas. E o pobre e valente mancebo corria sempre em volta da praça, perseguido de perto pelos castelhanos, apesar dos tiros dos bésteiros do concelho.

«Quando pela terceira vez chegou á primeira porta, encontrando-a ainda cerrada, fez parar o cavallo, levantou a viseira, e arremeçou o estandarte por sobre as muralhas, exclamando: Ahi o tendes, cobardes! Depois, tornando a calar a viseira, desprendeu, sempre correndo, a sua hacha-d'armas, voltou-se e arremeçou-a á cara do cavalleiro castelhano mais proximo, gritando: *Para vós esta, perros de Castilla!* E dando d'esporas ao ginete, não corria, voava na direcção de Extremoz. Ao chegar ao lugar onde está hoje o velho convento de S. Francisco, vendo que era seguido de mui perto, voltou-se então, desembainhou a espada, e combateu ainda de cavallo por bastante tempo. Depois os curiosos que guarneciam a muralha viram-no descaír o braço onde segurava a espada, e pender a cabeça sobre o pescoço do ginete.

«N'este momento um dos cavalleiros castelhanos levantou o montante, e, quando o deixou cair, cavallo e cavalleiro rojaram pela terra.

«Sentiu-se então um grito agudo, doloroso, pungente, por detraz das gelosias do mysterioso balcão. O cavalleiro, como se sentisse ainda este grito e reconhecesse esta voz, levantou-se de pé, agarrou a meio corpo o castelhano que o derrubára, e dando com elle em terra, travaram uma lucta feroz, arca por arca, de que nem um nem outro se levantou. Quando n'essa tarde os homens d'Elvas foram recolher o corpo do guerreiro esforçado, acharam-no agarrado ao corpo do seu adversario, segurando ainda o cabo do punhal que lhe cravára na gorja. Sete cadaveres castelhanos faziam cortejo ao portuguez, quando entrava as portas da villa!

«Não se sabe o que foi feito da dama mysteriosa. Affirmam alguns que por este tempo entrara n'um mosteiro de religiosas d'aquella villa uma senhora nobre, que pouco depois morrerá em grande conta de santidade.

«Em memoria d'este feito glorioso, diz, pois, o vulgo, tomára Elvas por armas a effigie d'um cavalleiro com um estandarte em punho.

«Se alguma cousa ha que auctorisar dar-se credito a esta lenda, é que no dia de *Corpus Christi*, em quanto a procissão anda na rua, fecham-se aqui (Elvas) todas as portas da cidade. Perguntei a razão por que assim se fazia, não m'a souberam dizer. Quem sabe se na lenda popular ha alguma cousa de verdade? Às vezes parece-me que ella existe mais nas tradições populares, ainda que desfiguradas pelos enfeites e lances de situações maravilhosas, do que em muitos velhos pergaminhos, escriptos por esses escrevinhadores mais infatigaveis do que prudentes.»

J. DE TORRES.



SCARLET.

Ha varios modos de adquirir celebridade, e ainda no mais humilde e desprezivel mister se póde crear jus a ser lembrado nos fastos do mundo. Bem exquisito é o figurão que a nossa gravura, copiada de um desenho coevo, representa; se não fóra o molho de chaves que lhe pende de uma das mãos, e o forçado, se forçado se lhe póde chamar, que segura com a outra, pareceria o famoso Bertholdinho tão conhecido do nosso excellento povo. Pois saiba o leitor que o tal figurão, por nome Scarlet, se tornou notavel por ter enterrado duas rainhas famosissimas, Catharina, mulher de Henrique VIII, e Maria Stuart, cujos corpos, sepultados primeiro em Peterborough, foram depois trasladados para Windsor.

As circumstancias da sua vida tornaram-o objecto de curiosidade para todos, mórmente para os poetas e chronistas; e o seu nome, encravado na historia funebre de duas rainhas, popularisou-se nos contos e nas lendas populares. Nenhum viajante passava por Peterborough que não desejasse ver e fallar a Scarlet.

Mas os annos volviam-se uns após outros, e já havia quem desconfiasse que Scarlet, causado de abrir sepulturas para tantos dos seus, se esquecera da sua propria, quando emfim a morte se lembrou de lhe terminar a piedosa tarefa, cerrando-lhe os olhos a 2 de julho de 1594, na avançadissima idade de 98 annos.

ESTUDOS CRITICOS

Même en énumérant les qualités des talents amis, il y a un mot qu'il ne faudrait jamais perdre de vue, le *circum prae cordia ludit*, qu'un satirique accorde a l'aimable Horace: se jouer autour du coeur de ceux même qu'on caresse, et montrer qu'on sait les endroits où l'on ne veut pas appuyer.

SAINT-BEUVE. — PORTRAITS.

É vulgar dizer-se que é grande a differença que vac do vivo ao pintado; não obstante mais de um retrato tem sido a inspiração do casamento, mais de uma paixão tem saído acabada, do daguerreotypo para os olhos, e dos olhos para o coração dos que menos se julgavam accessiveis ao prestigio da pintura, e á benefica influencia das artes sobre o espirito humano.

N'este *semanario*, especie de correspondencia familiar entre dous povos, tudo deve ser singelo e verdadeiro, desde os toques liniars dos perfis, até á composição das tintas, destinadas a destacar da tela o vulto que se quer reproduzir de corpo inteiro, com o cabedal proprio e as feições exactas, que nem disfigurem o retratado, nem envergonhem o retratista. Ao leitor resta depois procurar a luz, comparár, decidir por fim. As biographias dos poetas são como as miniaturas dos heroes; os sonhos e excentricidades da poesia sentem-se tão mal á vontade na critica, como apertadas na moldura de um broxe as fronte vastas e pensadoras dos que adiantaram, ou sustiveram a marcha da humanidade. A idéa que se vasa em qualquer das multiplices e variadas fórmulas da arte moderna, entibia-se, affrouxa á claridade d'esta lanterna de Diogenes, chamada critica, que apeia o entusiasmo para o substituir pela analyse, rasgando o manto bordado do satrapa só pelo prazer mesquinho de ver a descoberto as feridas do Lazaro. A critica é a antithese do bello; apresenta a embriaguez illota como correctivo ás demasias do vinho, compraz-se em parodiar a lança de Achilles pela satisfação unica de sarar com o balsamo do elogio as feridas rasgadas pela austeridade da censura.

Apesar de tudo a critica é ainda que regista os passaportes ao talento, que faz os convites de enterro á nullidade, que dá foros de patricio e carta de naturalisação ao genio. N'um jornal da indole e natureza d'este em que escrevemos, a critica arvora bandeira de parlamentar, suspende as hostilidades contra os guerrilheiros do Parnaso, e limita se á sua mais generosa missão, a de apresentar ao publico, sem emphase, alguns dos reconhecidos engenhos da nossa litteratura. Nem outro podia nem devia ser o nosso procedimento. Se apresentassemos no mercado amostras avariadas de fazendas ainda não conhecidas, o resultado seria todo em desproveito do vendedor, e o fim elevado e util d'este jornal, compromettido com louvainhas banaes, deixaria de ser, como lhe cumpre, estímulo a sisudas relações litterarias entre Portugal e o Brazil, tão interrompidas hoje, como já tão travados andaram de parentesco os dous paizes, que para os casar seria preciso tirar dispensa de Roma. O meio que mais facil se nos affigura para abrir o appetite ao commercio reciproco de bons livros entre as duas nações, é pondo lhe na meza acepipes que lhes estimulem o paladar, mescladas com os artigos biographicos e bibliographicos dos nossos auctores de melhor nota, as considerações desprevenidas e desambiciosas, que

o trato intimo, e a sanção publica tenham depurado das fezes, quer de mal cabidas prevenções, quer do entusiasmo não menos perigoso de affectos antigos e reconhecidos. A mais prestadia censura, a que menos risco correrá de se enganar na avaliação de um auctor, é a que accitando por base dos seus julgamentos o depoimento publico o afferir com placidez pelas regras, que o vulgo apenas adivinha por esse condão innato que têm as turbas de discriminar o relevo artistico das corriqueiras exhibições da mediocridade; mas a quem ainda assim nem sempre deixa de ser preciso acudir com o conselho ou o exemplo, para não entregar sem appellação as letras á mercê da inconstancia popular. É assim que um auctor ganha em ser avaliado, é ainda assim que a critica, tribunal que deve estar fóra do alcance das agitações dos corrilhos, poderá corresponder ao duplicado fim da sua missão, accitando do bom senso geral as primicias dos seus juizos, e tirando da comparação d'ellas com as impressões proprias uma conclusão que não peque nem pelo egoismo de ser tão individual, que se affecte de todo da opinião recebida, nem tão calcada e fundada na *vox populi* que se aproxime do servilismo, que desauthorisa a critica ás proporções de porta-voz da multidão conscienciosa, mas ignorante.

A occasião tem feito mais de um poeta. O incensó queimado a tempo ás idéas do dia, tem influido na imaginação do vulgo, authenticado mais de um diploma, que novas idéas tem rasgado, ou pelo menos esquecido na febril substituição de datas a datas, de acontecimentos a acontecimentos. A poesia pallida e agrilhoada do Imperio teve por idólos ora os thuribularios encartados do dominador do mundo, ora os que protestavam da cidadella inexpugnável da satyra contra a degradação de um seculo, que não via, porque lhe cegava os olhos o fumo da polvora, que a gloria de um homem estava longe de ser a dignidade de todos.

A poesia então, como sempre, era o barometro que marcava as alternativas da prospera ou infeliz estrella de Napoleão, e que presagiava, mais do que as batalhas perdidas pelos seus generaes, que era chegado o momento d'elle embainhar a espada, e de deixar as musas altear o vôo, no espaço deixado livre pelas aguias do imperio.

A restauração chegava trazendo consigo Chateaubriand e madame de Stael, perecursores de Hugo, Lamartine, e Musset; dá ode em toda a pompa da sua magnificencia; da elegia melancolica, christã, affectuosa; do poema perfumado, simples, novo, sem os arrebiques pagãos do imperio, sem os achaques e indolencias das musas algemadas pelos sorrisos das damas de honor da imperatriz Josefina.

A revolução franceza, que remodelára a politica da Europa despertando o animo da Polonia, os brios heroicos da Grecia, a dignidade adormecida da peninsula, tivera em 1830 um novo toque de alvorada para as letras, não admiradas, mas presurosas de concorrer ao chamamento que lhe era feito em nome da intelligencia livre. Para Portugal a questão era de vida ou de morte. Ainda não era passado meio seculo, que o estimavel auctor da *Voz da Razão* fóra queimado em estatua por ordem do santo officio! Poucos annos tinham decorrido ainda depois que os ossos de Voltaire eram levados em triumpho ao panteon, e Bocage, o nosso maior poeta depois de Camões via-se obrigado a retractar publicamente opiniões que estavam longe de ser as do philosopho de Ferney. Era no momento em que a França levantava

altares á *Deusa da Razão*, e tinham logar as festas do *Ente Supremo*, que do quinto andar de uma rua retirada e escura de Paris, Filinto Elysio, o mais sabedor poeta portuguez dos tempos modernos, exilado e perseguido pela inquisição, mandou aos seus naturaes, com perto de outenta annos, estas sentidas queixas:

Maldito o bonzo, e mais maldito o nayre,
Que calumnioso urdiu o meu desterro;
Malditissimo o estúpido fanatico
Que encomendou a queima!
Oh patria! oh patria! e pude assim banido
Co'os olhos arrasados de agro pranto
(Não estalei de magua?) despedir-me
De ti, querida patria?

E que acabava desejando o que nunca alcançou ver: coitado!

De par em par abertas as masmorras,
E os réus á luz do dia!

Era n'estas victimas illustres que a poesia portugueza parára, não receiando o martyrio, mas envergonhada de dar pretextos á cegueira do fanatismo ecclesiastico para accender novas fogueiras em nome de uma religião toda de paz e amor. Laboriosa, lenta, calculada devia ser a resurreição das letras n'um paiz entalado entre a censura previa, e os caprichos omnipotentes de um tribunal de sangue. Por cumulo de infelicidade a litteratura dos ultimos annos do seculo passado, e dos primeiros d'este cifrava-se toda n'um padre que do claustro trouxera para o mundo o rancor da sua vocação contrafeita, e para os seus escriptos as iras do homem que sabe mas não póde, porque Deus não concedeu a todos o fogo sagrado do genio, nem as musas se inspiram como as Eumenides das carnes retalhadas pelo açoute dos verdugos. O padre José Agostinho foi a ultima expressão de uma litteratura nascida servil na cella de um convento, alimentada de ruins paixões, morta de vergonha aos primeiros lampejos de mais generosas idéas, de mais rasgados horisontes para a liberdade das consciencias e do pensamento. Ás cegas, como a inexperiencia que nasce do desuso e do medo, poucos se atreviam a fazer profissão publica das letras, receiando não calhar tão de vez na orthodoxia da censura official, que pudessem escapar aos epithetos de *jacobino* e *pedreiro livre*, especie de introdução obrigada nos paços do Rocio.

Pausada e morosa começava pouco depois a laborar nos espiritos a idéa da emancipação politica, religiosa e litteraria. As iniciaes de um grande nome eram a agua do baptismo de um nome maior ainda. Em 1826, onto annos antes do triumpho decisivo das idéas constitucionaes, apparecia um poema notavel, portuguez na fórmula e no fundo, vasado nos encantos da nossa mythologia popular, e lembrando aqui ou ali a escola, o modo, as *nuances*, perdõem-nos a palavra, do *Oberon* de Filinto Elysio. O poema era a *D. Branca* do visconde d'Almeida Garrett, que trazia como salvaguarda no frontispicio as iniciaes do poeta que ha pouco mórreia no exilio, pobre e deslembrado. A supposta obra posthuma de Francisco Manuel foi o rebate glorioso para melhor e mais desassomburada vida. Na invocação do poema estava o manifesto, a profissão de fé do auctor. Venus, Apollo, Jupiter e Baccho acabavam de ser proscriptos sem remissão da poesia portugueza: os incredulos adoradores do Pindo podiam desenganar-se.

Gentil religião, teu culto abjuro,
 Tuas aras profanas renuncio:
 Professei outra fé, sigo outro rito,
 E para novo altar meus hymnos canto.

O exemplo do auctor do *Genio do Christianismo* vingára. Agora só nova milicia podia sem renegar guarnecer os arraiaes do acampamento novo. Só algum Ulysses matreiro se atreveria ainda a sacrificar em dous altares; mas os muros de Paphos e Cythera tinham desabado para sempre. Na introdução do *Parnaso Lusitano*, escolha selecta das mais acabadas poesias portuguezas até ao primeiro quarto d'este seculo, escreveu Almeida Garrett estas singelas verdades: «A litteratura portugueza não mostra presentemente grandes symptomas de vigor: mas ha muita força latente sob essa apparencia; o menor sopro animador que da administração lhe venha, ateará muitos luzeiros com que de novo brilhe e se engrandeça.» Esse sopro animador chegára com effeito em 1834. O laço azul e branco, dos homens que da emigração voltavam, foi o arco-iris de mais bonançosa esperança, de sol mais desanuviado e puro para a poesia portugueza. As letras estavam vingadas.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT (1).

V

Exaltar a liberdade, celebrando a apothese do seu mais generoso e mais estoico defensor e martyr, era empenho digno de um grande vate, e idéa grata a fervorosos democratas. Só a morte de Cesar podia, nas historias da Roma republicana, ministrar assumpto igual ao de Catão; igual no patriotismo, mas de certo inferior no pathetico e no magestoso da tragedia. Tão inspirador o achára Shakespeare, que fizera d'elle o objecto de um dos seus mais formosos dramas. Tão poetico o julgára Voltaire que, seguindo o rasto do poeta do Avon, em tudo o que o tolerava a etiqueta da musa franceza, o trasladára em versos magnificos para a scena da sua patria. Mas o Catão era de certo mais ainda do que Marco Bruto, a personificação d'este intratavel e quasi feroz republicano, que faz da liberdade uma religião, e não um direito, e da republica uma divindade sequiosa do sangue dos seus adoradores. Catão morria, para não sobreviver á republica. Bruto feria com o punhal parricida o dictador que o amava como a filho dilecto, para adiar alguns momentos os paroxismos da liberdade romana. Catão, se na superstição do estoico conservava ainda alguns vestigios de egoismo, era na ambição de alliar o seu nome á ruina da republica. Bruto desmentia o mestre, porque, em vez de expirar como elle, maculava com o sangue de seu pae a estatua de Pompeu, para gosar alguns instantes mais o nome ephemero de cidadão romano.

Havia porventura uma razão de mais para que Garrett preferisse a historia de Catão. Um grande genio embrecera com ella a scena britannica. João Addison, um dos mais correctos e elegantes escriptores do tempo da rainha Anna, ainda mais celebrado pela elegancia e atticismo da sua prosa, que pela magestade dos seus versos, mostrára aos inglezes, que a tragedia podia, sem desmerecer da gravi-

dade do cothurno nacional, alliar as liberdades shakerperianas á severa observancia das regras classicas e dos preceitos do bom gosto. O *Catão* de Addison ficára como um modelo de correção e de belleza dramatica no reportorio nacional. Voltaire, que poz em moda a litteratura ingleza, d'antes ignorada quasi no continente, mais de uma vez aprendêra a corrigir as exagerações e os defeitos, e as rudes e asperas concepções de Shakespeare, no verso mesurado e nobre, e nas scenas eloquentes e inspiradas de João Addison.

Garrett havia lido o *Catão* de Addison. Foi elle sem duvida o que lhe despertou a idéa de que era possivel escrever a tragedia sem observar a poetica rotineira com que era geralmente de uso escrever-se o drama heroico em toda a parte. Acaso tambem a frequente leitura de Voltaire lhe inclinára o espirito a esta escola poetica, em que a tragedia, soltando-se dos moldes estreitos das regras julgadas orthodoxas, faz servir as musas aos grandes interesses e ás grandes idéas philosophicas, e torna o drama mais intelligivel, aproximando-o mais de perto á imitação idealizada do natural e do commum.

A França tem o privilegio insigne de legislar para a Europa, e, porventura, para o mundo inteiro o código intellectual de cada seculo. Em todas as idades e em todas as civilizações, ha uma nação, que é como guia e directora no movimento incessante das instituições e das idéas. Athenas, Roma e Paris dividem em tres grandes capitulos a historia espiritual do mundo. Por que fatalidade ou por que providencia isto succeda, não vem ao nosso proposito o discernil-o. Desde Luiz XIV a Europa é franceza nas idéas. Já antes, na idade media, o houvera sido em muitas cousas. Até o grande seculo das letras francezas, as nações tiveram ampla liberdade de pensarem e de escreverem por si mesmas e desajudadas de estrangeira inspiração. Gil Vicente teve tempo de inventar o ainda rude, mas sincero e genuino drama peninsular. Lope de Rueda, e Montalban, e Torres Nabarro, e Lope de Vega, e Calderon, puderam a seu salvo desempoeirar as chronicas da sua nação, e inspirar-se na sua nativa e caprichosa musa castelhana. Shakespeare e Fletcher, puderam, na feliz ignorancia do theatro grego, soltar a musa fertil e aventureira ao sabor da mais original inspiração, e povoar a scena britannica de concepções, ora sublimes, ora grosseiras e indecorosas na sua rigida nudez e na sua severa naturalidade. Floresceram os theatros de cada nação, e distinguiram-se por feições caracteristicas, e contrapuzeram-se por typos genuinamente nacionaes. Aparece Racine e Corneille, e esta escola convencional, mas elegante, estes reformadores a que pudera caber o nome de *néo-classicos*, passam a razoura da imitação sobre a litteratura dramatica de todas as nações.

Racine tentou restaurar, vestindo-a e adornando-a com garridices francezas, a austera magestade da Melpomene antiga. Já os *rhetores* e grammaticos tinham desde a aurora do renascimento pretendido formular as regras immutaveis do theatro grego. A renascença foi uma reacção da auctoridade contra a democracia. A idade media não foi para o espirito, como se pensa vulgarmente, uma larga e tenebrosa noite, apenas interrompida a espaços por algum tenue e baço clarão de luz de estrellas. Não foi o duradouro eclipse da razão e da phantasia. Não ha interrupções na actividade do pensamento, nem treguas possiveis nas incessantes campanhas do progresso humano. Seria quasi uma blasphemia asseveral-o; e a historia felizmente encarrega-se de a desmentir e refutar. A

(1) Continuado de pag. 373 do XII vol.

tradição romana não se perdeu de todo na meia idade, nem os barbaros, desmantelando e saqueando o capitolio, apagaram brutalmente o facho que espargia a luz da civilização romana pela amplidão do mundo dos cesares. Succedeu apenas o que é racional e justo que aconteça. As idéas romanas perderam o interesse da actualidade com as ultimas reliquias do imperio do occidente. O paganismo, proscripto e deslembado como uma impiedade, communicou o seu infortunio á civilização e á litteratura, que haviam nascido e prosperado á sombra d'aquellas poeticas ficções. A nova religião que regenerava as gentes, tornava dominantes no mundo idéas novas, que reclamavam uma nova litteratura. As nações germanicas, que então revolucionavam o antigo mundo romano, passavam da barbaria ao christianismo sem que saudassem ao menos a civilização latina. Tudo o que na cultura antiga era compativel com o idealismo christão, ficava apropriado pela Igreja, ou conservado como tradição domestica pelas provincias romanas, submettidas á dominação septentrional. Mas no commum da gente simples e barbara, como era nos estados que se levantavam sobre os despojos do colosso romano, as necessidades da intelligencia e as ambições então modestas do espirito, não podiam contentar-se com a litteratura dos antigos dominadores, e do paganismo já proscripto. O que tinha que ver a epopéa latina, celebrando grandezas e heroicidades mythologicas, com a severa aspereza e a piedosa devoção dos christãos ainda fervorosos no seu credo? Como acharia não já affeição, mas indulgencia a lyrica de Ovidio e de Tibullo, poetizando em lascivos carmes a bruteza do amor sensual e as seducções da impudicicia? E se, para os barbaros, recentemente convertidos, nem sempre valia o proscriver as letras classicas, a voluptuosidade que d'ellas ressumbrava e o pudor que nem sempre n'ellas resplandecia, assistia-lhes a elles uma razão mais forte do que as censuras da Igreja, condemnando a profanidade de semelhante litteratura. Não a comprehendiam elles, na sua rudeza; e as allusões frequentes a todas as risonhas fabulas do paganismo, e a commemoração continuada das glorias e das façanhas da republica e do imperio, deviam soar-lhe estranhamente aos ouvidos barbaros e rudes. A lingua, em que estavam escriptos esses modelos da mais eloquente prosa e da mais artificiosa e fluente metrificacão, era assás engenhosa nos seus processos e complexa nas suas combinações para amoldar-se á pronuncia guttural dos novos conquistadores. Os barbaros absorveram na sua linguagem o idioma opulento e magestoso do povo a quem haviam avassalado. Mas truncaram aqui e acolá os vocabulos mais bellos, e ultrajaram em corruptelas atrevidas as mais puras modulações da voz humana. Fizeram no idioma o que praticaram em tudo; uma alliança violenta da civilização e da barbaria, a lei romana, coexistindo, incompleta e confusa, ao lado da lei dos salios e do código wisigothico; as instituições latinas a par dos costumes barbaros; o luxo romano contrastando com a sobriedade germanica; e tudo isto mal combinado, mal serzido, como que hostilmente enlaçado, que mal poderia conxavar-se a policia e elegancia dos romanos, ainda mesmo decadentes, com a barbara singeleza dos invasores.

Imagine-se hoje uma horda de kalmukos ou de kurdos, irrompendo violenta n'uma povoação europeia, esplendida em todos os ornamentos de uma esmerada civilização, e amollecida em todas as sumptuosidades de uma industria maravilhosa. Mettida a

cidade a saque, incendiados os templos, derrocadas as habitações, expoliados os bazares, dispersa e erradia a população, figuremo-nos que saem as tribus vencedoras, levando entre as pompas do seu triumpho os despojos opimos da sua algara, correria e devastação. Aqui um tartaro adornará o turbante singelo com um ornamento magnifico, mas disparatado. Acolá outro ennobrecerá a humildade dos seus vestidos com roupagens sumptuosas, que na opulencia do seu estofo, e na galhardia do seu talhe, desdizem da selvatica simpleza do seu traje habitual. E no meio de tudo isto ha de lamentar-se que os restos mal apreciados do trabalho intelligente se alliem em flagrante desharmonia com os productos grosseiros de uma industria primitiva.

Pois eis ahi como os barbaros retalharam e dividiram entre si o thesouro da boa latinidade. Truncaram e desformaram os vocabulos para os tornarem menos rebeldes á pronuncia. Barbarisaram o somido das vozes romanas. Aqui um franco salico enxertou uma palavra ciceroniana entre duas vozes do seu dialecto ingrato. Acolá um borguinhão mareou com o bafejo impuro o ouro de lei dos vocabulos de Virgilio. Ali um wisigodo associou entre barbarismos affrontosos um nome teutonico mal disfarçado sob as vestiduras romanas. Os dous idiomas fundaram-se juntos, sem se ligarem completamente. A latinidade foi desaparecendo, incrustada pelas influencias germanicas, assim como uma antiga medalha preciosa esconde os traços finos do seu cunho sob a terra que a obliterou e corroeu.

Desde então a litteratura romana retirou-se do trato e conversação do vulgo. Como as moedas que saem da circulação, ficaram algumas peças d'ella dispersas aqui e acolá por gabinetes de antiquarios. O latim era a lingua official da Igreja. Em latim estavam escriptas as numerosas obras dos padres do occidente. Ora quando se conhece uma lingua sempre se conserva a tradição e o estudo dos seus mais aprimorados monumentos. Os bons escriptores da idade aurea não foram pois nunca totalmente deslembados dos que, por obrigação do seu officio espiritual, tinham de cultivar o idioma, que, deo xpressar os symbolos pagãos e as idéas materialistas, passára rapidamente a interpretar as grandezas todas espirituales do christianismo, e a servir de instrumento ás apologias, ás polemicas, ás homilias e aos discursos mysticos da Igreja.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1\$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1\$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo.